

**CARAS E BOCAS: UM ESTUDO SOBRE MANEIRAS NÃO VERBAIS DE  
CONSTRUIR IDENTIDADES DE GÊNERO PRESENTES NO LIVRO *O MENINO  
QUE GANHOU UMA BONECA***

Rosana Lopes Romero

Lucimar da Luz Leite

Eliane Rose Maio

Geiva Carolina Calsa

Universidade Estadual de Maringá

**RESUMO**

O livro *O menino que ganhou uma boneca* conta a história de Paulinho, criança que ganha uma boneca de presente em seu aniversário. O brinquedo causa certo estranhamento na família, então o menino resolve brincar com os outros brinquedos 'de menino'. No final da história Paulinho se dá conta de que pode brincar de boneca e resolve fazê-lo. Ao levarmos em consideração a importância da linguagem não verbal, questionamo-nos: O que as expressões corporais das personagens do livro *O menino que ganhou uma boneca* revelam a respeito de suas representações acerca da possibilidade de um menino brincar de boneca? O objetivo será analisar as representações reveladas por meio de expressões corporais das personagens no referido livro de literatura. Os resultados apontaram que as representações de gênero também são anunciadas no livro analisado, por meio de expressões não verbais, principalmente do tio e da avó de Paulinho. Concluímos que a estereotipia de gênero se propaga, além da maneira verbal, por meio de gestos, olhares, expressões corporais e faciais que indicam repreensão. Esta postura insidiosa e silenciosa, presente no livro analisado contribui para que pensemos no cotidiano escolar e em suas vozes mudas que repreendem o diferente por meio de expressões não verbais.

**Palavras-chave:** Educação; Literatura; Gênero; Representações Sociais.

**INTRODUÇÃO**

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



O presente texto<sup>1</sup> apresenta a discussão do livro *o menino que ganhou uma boneca* (BAPTISTONI, 2002), livro infantil que conta a história de Paulinho, menino de quatro anos que ganha uma festa para comemorar sua nova idade. Ao abrir os presentes o menino depara-se com algo inusitado: uma boneca. Em princípio, o presente causa certo estranhamento, esboçado principalmente pela expressão do tio e da avó. Por conta disso, Paulinho, embora tenha gostado da boneca, preferiu brincar com os outros brinquedos. Depois, ao ver sua prima brincando de carrinho e seu tio que mal sabia pegar o filho no colo por falta de ‘treino’, começou a pensar diferente. Até que certo dia resolve brincar com a boneca e sente-se feliz ao experimentar esta brincadeira considerada ‘somente de menina’.

As expressões faciais e corporais do tio Nestor e da avó de Paulinho diante da possibilidade do menino brincar de boneca nos fazem refletir sobre a linguagem não verbal. De acordo com Courtine e Haroche (2016, p.31) a expressão, entendida não apenas como uso da palavra, “mas ao homem por inteiro”, é ao mesmo tempo individual e social. A sociedade moderna, a partir de seu ideal de sujeito racional, ditou ao homem o domínio de si, evidenciado por meio de demonstrações e/ou contenção de suas expressões. O corpo contemporâneo carrega desta maneira, em si marcas históricas que dizem respeito às lições acerca da “arte de falar, mas também a arte de calar” (COURTINE; HAROCHE, 2016, p.24). Entretanto, apesar da valorização da “discrição”, domínio e dissimulação das emoções reforçadas pela modernidade, “[...] no mais profundo desse homem sem paixão, se abriga o homem sensível e expressivo” (2016, p.18) também esboçado, ainda que de maneira contida, pela expressão de seu corpo e de seu rosto.

Ao levarmos em consideração a importância da linguagem não verbal, que permite a comunicação social e concomitantemente individual de emoções, desejos, opiniões e representações nos questionamos: **O que as expressões corporais das**

---

<sup>1</sup>Este texto, CARAS E BOCAS: UM ESTUDO SOBRE MANEIRAS NÃO VERBAIS DE CONSTRUIR IDENTIDADES DE GÊNERO PRESENTES NO LIVRO *O MENINO QUE GANHOU UMA BONECA* é oriundo de inquietações procedentes de discussões apresentadas no capítulo: BRINCADEIRAS DE MENINAS E DE MENINOS: DISCUTINDO GÊNERO A PARTIR DO LIVRO ‘O MENINO QUE GANHOU UMA BONECA’.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



personagens do livro *O menino que ganhou uma boneca*, revelam a respeito de suas representações acerca da possibilidade de um menino brincar de boneca? Para tanto, nosso objetivo consiste em analisar as representações reveladas por meio de expressões corporais e faciais das personagens no referido livro, na intenção de averiguarmos em que medida há diferenças e distinções de gênero nas brincadeiras e brinquedos, em especial, na literatura. E de que maneira contribua para a discussão sobre possibilidades de trabalho com gênero na Educação Infantil.

A discussão se apresenta em dois momentos. No primeiro procuramos apontar brevemente considerações acerca do gênero na literatura, dos brinquedos e brincadeiras, no sentido de demonstrar que a escola enquanto espaço social institui e estimula desigualdades de gênero por meio de diversas maneiras tanto explícitas, como por exemplo, bilhetes, indicadores de banheiros, cartazes, filas, a fala dos/as gestores/as e professores/as, livros de literatura, material didático, brincadeiras e brinquedos quanto implícitas, através de gestos, olhares, expressões faciais e corporais. Por outro lado, a escola também tem o poder de quebrar tabus, desconstruindo aprendizados culturais machistas, preconceituosos e estereotipados de gênero (LOURO, 1997).

No segundo momento faremos a análise de três imagens do livro *O menino que ganhou uma boneca*, a partir das expressões não verbais dos/as personagens nos momentos em que Paulinho recebe diferentes brinquedos. Nesse momento, cogitamos sobre as maneiras silenciosas e insidiosas que conduzem à diferenciação cultural entre os gêneros por meio da demonstração/contenção da linguagem não verbal.

A partir da análise das imagens no referido livro, foi possível verificar que as representações de gênero também são anunciadas no livro analisado, por meio de expressões não verbais, principalmente do tio Nestor e da avó de Paulinho. Concluímos que a estereotipia de gênero se propaga, além da maneira verbal, por meio de sentimentos, gestos, olhares, expressões corporais e faciais que indicam repreensão, machismo, preconceitos e violências simbólicas. Também entendemos que, muitos silêncios e contenções ocorrem por parte de Paulinho que não verbalizou o desejo de brincar com a boneca no momento em que a desembulhou.

REALIZAÇÃO



APOIO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Esta postura silenciosa presente no livro analisado contribui para que pensemos no cotidiano escolar e em suas vozes emudecidas que repreendem o 'diferente' (aquilo que não se enquadra ao padrão de normalidade designado na cultura), muitas vezes, por meio de expressões não verbais.

## **AS MARCAS IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS DE GÊNERO NA ESCOLA E SEU PODER DE CONSTRUIR PRECONCEITOS**

A literatura infantil, como parte essencial do cotidiano escolar não é isenta das desigualdades, discriminações e segregações de gênero, desde as expressões corporais de personagens, comportamentos, cores das vestimentas até a linguagem nos textos, reforçam a constituição das identidades de gênero das crianças. As considerações de Pires (2009) nos auxiliam nessa interpretação ao apontar que as relações de gênero construídas e arquitetadas nos contextos sociais e culturais são reproduzidas nas obras de literatura infantil.

De tal modo, os livros de literatura infantil como artefato da cultura, são impregnados de inúmeras significações que reforçam as representações de masculinidades e feminilidades presentes em cada contexto e época. “Ao mesmo tempo em que as obras legitimam comportamentos [...] considerados mais tradicionais, também exibem diferentes maneiras do sujeito se constituir [...]”. Isso permite que a literatura infantil abra espaço “[...] para outras formas de representações de gênero e de relações amorosas” (PIRES, 2009, p. 88). Com base nos estudos de Pires (2009) compreendemos que essas representações influenciam nos papéis concebidos pelas crianças no brincar e também em suas vivências quando se tornarem adultos.

Do mesmo modo, Vianna e Ridenti (1998) salientam que, há na literatura infantil divisão desigual de gênero baseada em padrões masculinos e femininos cristalizados. Seus estudos mostram que certos setores da política e do mercado de trabalho ainda estão associados ao homem e fechados à presença das mulheres. Essa divisão é proveniente de valores, costumes e interpretações, que definem padrões masculinos e femininos. As marcas de gênero, portanto, fazem parte de das

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



vivências das crianças desde muito cedo. Estão presentes nas cores que vestimos (comumente azul para meninos e cor de rosa para meninas), nos temas das festas de aniversário (predominantemente princesas para meninas e heróis para meninos) e na maneira como somos tratadas/os, inclusive no que diz respeito aos nossos corpos.

As obras literárias infantis revelam de forma explícita e implícita as diferenças culturais historicamente construídas e que orientam os diferentes comportamentos e atitudes dos gêneros feminino e masculino. Ao perguntarmos para as crianças pequenas como se faz ‘rosto de quem está bravo’, ‘alegre’, ou ainda ‘muito triste’, estes logo reproduzirão as expressões solicitadas. O mesmo ocorre se perguntarmos sobre as expressões das personagens dos livros infantis. Há, neste sentido, uma espécie de código expressivo, em que cada movimento do rosto ou do corpo transforma-se em “signo da identidade individual” (COURTINE; HAROCHE, 2016, p.16) reconhecido pela sociedade.

As ‘caras e bocas’, conforme menciona o ditado popular, também invadem as situações que englobam os gêneros. Não é raro deparar-se com repreensões silenciosas esboçadas nos rostos de quem observa, por exemplo, um casal homossexual de mãos dadas. Ou, mesmo um menino que escolhe vestir-se com fantasia cor-de-rosa. Embora caladas, as pessoas denunciam seu estranhamento, preconceitos e até mesmo violência, que, não é mais física como nos tempos das grandes batalhas sangrentas ou da inquisição. A civilidade desfaz aos poucos os meios ferozes de se expressar, herdados do homem pré-histórico, que não deixa feridas menos doloridas em termos simbólicos: “Assim, a violência física deixa progressivamente o terreno em que os corpos são confrontados para sublimar-se na agudeza ferina, na espetada retórica para desequilibrar a quem mira” (COURTINE; HAROCHE, 2016, p.25).

Esse jeito requintado de agredir encontra-se em cada sujeito de nossa sociedade e adentra a escola, a literatura, as brincadeiras também a partir das representações de gênero, que são na maioria das vezes pautadas em concepções hegemônicas que tentam enquadrar “identidades fixas” de menino/menina, homem/mulher. Entretanto, emprestaremos aqui os questionamentos realizados por

Realização:



Apoio:



Woodward (2000, p.12): “A identidade é fixa?”, “Podemos encontrar uma verdadeira identidade?”.

Pesquisas estudadas por Lloyd Durveen (2009) apontaram que, na tentativa de tornar as identidades de gênero dos filhos fixas, os pais começam a ensinar, desde muito cedo, qual é a conduta de gênero que a criança deve assumir. Nas pesquisas, crianças com cerca de treze meses, apresentavam escolhas de acordo com o gênero. As evidências apontaram também que os meninos utilizam mais a brincadeira para marcar sua masculinidade do que as meninas. Também demonstraram que as mães tendem a acalmar suas filhas e agitar os filhos. Além disso, as crianças tenderam a marcar mais vigorosamente o gênero no momento em que as mães participaram das brincadeiras. No caso dos meninos, a marcação masculina ocorreu, na maioria das vezes, durante a brincadeira com outros meninos, situação distinta do momento em que o menino brincava com uma menina, quando as marcações tendiam a diminuir.

O brincar na escola, especialmente na Educação Infantil, tem sido apontado por muitas pesquisas como responsável por contribuir com o desenvolvimento físico, psíquico, cognitivo, motor, afetivo, entre outras competências das/os alunas/os. Uma delas foi desenvolvida por Kishimoto (1997, p.37-38), ao debruçar-se sobre teorizações sobre o brincar infantil com o intuito de definir jogo, brinquedo e brincadeira. A autora salienta que na escola, “a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico [...]”, também alerta que: “[...] o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos” e de “sistematização de conceitos em outras situações que não jogos”.

É o que mostra Barros (2006) em sua dissertação “Sequências explicativas produzidas pela criança de cinco anos de idade em atividade lúdica” ao investigar a ação comunicativa e a linguagem presentes no jogo de ficção entre crianças de cinco anos de idade e adultos. Constatou que a explicação da brincadeira por parte da criança desenvolve suas competências de argumentação, explicação e justificativa. Melo (2010) ratifica a importância do brincar, em seu trabalho intitulado “Narrativas infantis: estudo da criança no contexto de uma creche universitária” ao

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



pesquisar em uma creche universitária as narrativas das brincadeiras de crianças de quatro anos de idade. Concluiu nas narrativas construídas durante a brincadeira é construída a reciprocidade entre a criança e seus pares, assim como e criança/adulto.

Encontramos discussões semelhantes às assinaladas em Bujes (2004), que compreende os brinquedos e as brincadeiras como elementos que se relacionam à cultura e a época. Dessa maneira, mudanças sociais e culturais influenciam os brinquedos e as brincadeiras infantis. Nesse sentido, Piaget (1987) acrescenta que a brincadeira também contribui com o desenvolvimento infantil em várias dimensões como o tempo, o espaço, a lógica, a linguagem, a afetividade, a socialização, entre outras (PIAGET, 1978). E, ainda, de acordo com Bichara (1994), meio de expressão de desejos, anseios, medos, inseguranças, valores e preconceitos, como os de gênero.

Se considerarmos apenas o dualismo limitado, reforçado nos ambientes escolares, a brincadeira de boneca, acaba por ser entendida exclusivamente como 'coisa de menina'. Esta concepção está fortemente ligada à representação de mulher como quem deve cuidar do lar e o homem com quem o provê. Entretanto, eis nesta ideia além de um hiato explícito de gênero (mulher dócil, homem viril), uma contradição com a própria 'realidade' contemporânea, visto que as mulheres exercem outros papéis, como estudante, trabalhadora, motorista, entre outros. Apesar disso, continuamos a ser uma minoria.

Desconstruir estes processos e desmitificar papéis sociais arraigados como as concepções machistas de que 'brincar de boneca é coisa de menina' também são partes da urgência feminina. O empoderamento é a condição para que as pequenas e os pequenos compreendam que 'boneca também é coisa de menino' e que brinquedos, sejam eles quais forem são objetos para ambos os gêneros, assim como as cores, as profissões, os deveres... Assim como os direitos. Portanto, o brincar, além de ser considerado como atividade essencial para o desenvolvimento infantil, configura-se como importante aparelho de fabricação de diferenças e de estereótipos.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



## MANEIRAS NÃO VERBAIS DE (DES) CONSTRUIR IDENTIDADES DE GÊNERO PRESENTES NO LIVRO *O MENINO QUE GANHOU UMA BONECA*

Analisaremos, a partir de agora, algumas expressões das/os personagens representadas por meio de imagens na obra *O menino que ganhou uma boneca*. Cogitamos, a partir da presente análise, propor caminhos para refletir possibilidades de (des) construção das marcas de gênero presentes na vida escolar, em especial na literatura, nas brincadeiras e nos brinquedos.

A imagem a seguir (imagem 1) apresenta diferenciação de gênero refletida nos diversos brinquedos que Paulinho ganhou: caminhão, cavalinho e aviãozinho. Moreno (2009) menciona, neste sentido, que os brinquedos e brincadeiras, enquanto artefatos culturais são elementos influenciadores de papéis de gênero no contexto da infância. Como explica Bujes (2004), o brinquedo e o brincar produzem e atribuem significações atreladas a uma sociedade machista constituída por relações de poder.



Figura 1: Presentes que Paulinho ganhou em sua festa de aniversário.

Fonte: <http://pt.slideshare.net/letrasoliveira/o-menino-que>

Outro presente que Paulinho recebeu em sua festa foi uma roupa com a estampa da personagem Chico Bento, conhecido por ser o 'caipira' da Turma da Mônica que não gosta muito de estudar, mas sim de pescar, nadar no rio, dormir na

Realização:



Apoio:



rede e brincar com os amigos, conforme descrição presente no sítio da UOL . Esta representação masculina está relacionada à proposição de que meninos seriam ‘naturalmente’ mais ‘inquietos’, ‘elétricos’ e ‘dispersos’. Uma concepção de rústico sem o refinamento relacionado ao feminino, apontando erroneamente que menino precisa necessariamente ser livre e independente.

As personagens na imagem (1) mostram-se atentas aos embrulhos, olhando com atenção os presentes que Paulinho retirava dos pacotes, sem dizer qualquer palavra, com exceção do bebê que volta o olhar para o aviãozinho que está em sua mão e parece não importar-se com a cena mais do que com sua brincadeira. Um dos meninos (de camiseta verde) tem suas mãos posicionadas à trás das costas. É possível inferir que o fato de as crianças maiores não rasgarem o embrulho ou pegarem de vez um dos brinquedos de Paulinho, como fez o bebê, tem a ver com a “civilidade” que já lhes foi ensinada, em função das regras sociais de ‘bom comportamento’ que precisam ser cumpridas. As mãos posicionadas para trás ou apenas apontando o brinquedo, sem tocá-lo, diz respeito à contenção de um desejo evidente de pegá-lo e explorá-lo, mas ambas as crianças aprenderam que não podem fazê-lo, pois o aniversariante deve abrir os embrulhos. De acordo com Courtine e Horoche (2016, p.187), os “tratados de fisiognomonia” do século XVI evidenciavam que “o controle da agitação do corpo e sua conversão em gestos medidos e harmoniosos são indícios do homem honesto”. O corpo é, desde então, “incitado ao silêncio” (2016, p.188), como percebemos na imagem.

O silêncio, a quietude e a contenção, mais estimulados em meninas, conforme evidenciou estudo já mencionado (LLOYD; DURVEEN, 2009), são valorizados e ensinados em diversas instituições. Há que se pensar nesse sentido, o espaço da escola como um lugar que estiliza os tabus (re) produzidos. Partindo dessa compreensão, percebemos a escola, como força social e política, um lugar privilegiado que emanam novas formas para discussões de gênero. No entanto, algumas realidades escolares têm-se demonstrado resistente diante de tal discussão. Em nome da ‘naturalidade’, as marcas de gênero representadas de forma explícita e implícita, são vistas como algo que sempre existiu, e diante dessa apreensão, raramente são notadas e assim os aprendizados desiguais de gênero

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



são propagados desde os corredores das escolas até as salas de aula. Como esclarece Louro (1997), um longo aprendizado vai determinar lugares às pessoas



conforme sejam meninas ou meninos.

Figura 2: O presente a boneca

Fonte: <http://pt.slideshare.net/letrasoliveira/o-menino-que>

Na situação acima (figura 2) observamos que a boneca causa incômodo à família de Paulinho, pois culturalmente não é visto como 'brinquedo de menino', com exceção da mãe que parece ter gostado do presente. Podemos inferir que há de maneira implícita o entendimento de que o brinquedo possa ser algo perigoso, que possa interferir na identidade de gênero e de sexualidade das crianças. Como podemos verificar a desconfiança e indignação aparecem na face da avó e do tio Nestor.

O menino atrás da avó exprime risos contidos pela mão, como os de quem 'tira sarro' e, Paulinho volta o olhar para onde está seu tio, como quem espera a reação de outro homem mediante a possibilidade de brincar com uma boneca. Por essa expressão do olhar que busca aprovação do outro, pode transparecer um medo herdado do século XVII, época em que "ser singular autêntico" afastava os

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



demais que viviam na corte. Neste sentido, “aos olhos da opinião, do juízo da corte [...], melhor vale ser moderado, isto é, medíocre, e fugir sempre de ser notável”, pois o castigo para o notável diferente seria a “solidão” (COURTINE; HOROCHE 2016, p.215). Neste caso, Paulinho pode ter olhado para seu tio, na intenção de buscar uma espécie de aval, que o distancia da solidão e ratifica sua pertença em um grupo: o dos homens.

A estranheza é verbalizada por algumas/ns personagens na imagem 2 e o que nos chama a atenção é avó aparentemente irritada, ao apontar o dedo para deduzir que fora uma brincadeira apenas, o fato de darem uma boneca de presente à um menino. Compreende-se nessa cena, a repressão, como se o presente tivesse sido um engodo absurdo. Culturalmente, o entendimento que se tem é que menino desejar-se brincar com boneca é algo ‘anormal’. A partir dos estudos de Finco (2003) e Moreno (1999), compreendemos que o brinquedo enquanto artefato social e cultural é marcado pelas definições normativas que interferem nos papéis a serem realizados por meninas e meninos nas representações/compreensões do brincar. Para Moreno (1999) as manifestações espontâneas nas brincadeiras possibilitam-nos perceber diversas diferenças quanto ao gênero em função de cada sexo. Deste modo, a autora salienta que, “[...] as meninas têm liberdade para ser cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras etc., e os meninos são livres para ser índios, [...], “super-homens”, tigres ferozes [...]” (MORENO, 1999, p. 32). Portanto, as representações que contradizerem essas compreensões culturais no ato de brincar, por exemplo, meninos brincarem de boneca, causa estranhamento por desviar-se das normas pré-estabelecidas.

Ao contrário, a mãe apresenta um olhar voltado para igualdade de gênero, demonstrando apenas admiração ao brinquedo – a boneca, postura que podemos comparar com o conceito de Bauman (2007) de “mixofilia”, que diz respeito a receptividade e prazer ao diferente. No caso, a mãe de Paulinho teve uma postura mixofílica diante da possibilidade do menino brincar com uma boneca.

Acreditamos que as expressões faciais do tio Nestor e da vovó de Paulinho, revelam ainda que nos deparamos com uma cultura preconceituosa. Em plena contemporaneidade, falta às crianças oportunidade para que elas desfrutem dos

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



diferentes brinquedos que lhe interessam sem sentir vergonha ou ser repreendida, implícita ou explicitamente por alguém. A cultura do “reforço a masculinidade” percorrem diferentes gerações e é ensinada enquanto identidade que precisa ser constantemente reforçada. Assim sendo, influencia, sobremaneira, a formação das crianças, e se manifestam em seus atos, inclusive omissões, como por exemplo, deixar de brincar com determinado brinquedo para ratificar sua masculinidade.

Os estudos de Seffner (2006) apontam, neste sentido, que existem olhares preconceituosos em relação às identidades sexuais, de maneira que a identidade hetero seja considerada norma enquanto as demais (homossexual, transexual, entre outras) marginais. Há, neste sentido, uma ameaça contida nos brinquedos e brincadeiras e, por conta disso, o cotidiano familiar e escolar, parece preocupar-se extremamente em marcar brinquedos e brincadeiras para meninas e meninos.



Figura 3: Paulinho e sua prima com seus brinquedos

Fonte: <http://pt.slideshare.net/letrasoliveira/o-menino-que>

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



A figura 3 mostra o desfecho da narrativa em que Paulinho resolve brincar com a boneca e percebe que sua prima também brincava de carrinho. Além disso, dá-se conta de que tio Nestor mal sabe segurar seu neném, porque não treinou com as bonecas quando era pequeno. Existe, neste ponto da história, a elaboração de uma argumentação por parte de Paulinho que evidencia defesa em relação ao 'por que' ele brinca de boneca. O pai de Paulinho, diante da situação, expressa um sorriso amigável depois da pergunta, o que evidencia liberdade para que o filho pudesse experimentar a brincadeira, visto que não houve repreensão. Tanto Paulinho quanto sua prima puderam, desta forma, experimentar a diversidade de brinquedos, independentemente de gênero. O menino também sorri ao brincar com a boneca, expressão que pode denunciar satisfação. Neste sentido, Mendes e Seidl-De-Moura (2009) preocuparam-se em estudar pesquisas científicas que se debruçaram sobre as expressões faciais, em especial o sorriso, e encontraram constante associação desta expressão ao afeto positivo. Também entenderam que há um concílio entre bases teóricas biológicas e socioculturais para explicar o sorriso. Deste modo, sorrir envolve concomitantemente aspectos inatos e apreendidos no decorrer da vida, por meio da cultura e socialização.

Para Finco (2003), toda criança tem direito de brincar com diversos brinquedos. Isto facilita a experimentação de vivências diferentes das habituais e permitiu que o repertório de representações acerca do 'ser homem' e do 'ser mulher' fossem ampliados tanto por parte de Paulinho quanto por parte de sua prima. Por conta disso, Paulinho decidiu que não quer ser como seu tio que mal sabe segurar seu filho no colo, mas quer ser um homem que segura com destreza uma criança. Do mesmo modo, a prima de Paulinho também expressou o desejo de experimentar, por meio da brincadeira, como seria ser dirigir.

Além disso, o brincar constituir-se direito presente nas leis brasileiras a todas as crianças, inclusive dentro das instituições. Este direito aparece no artigo 16, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2009, p. 25) que diz: "O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: IV- brincar, praticar esportes e divertir-se". Também se ratifica nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que preconizam como objetivo "estabelecer parâmetros de qualidade dos serviços de

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Educação Infantil [...]” (2006, p.39). Reforçam as afirmações anteriores ao mencionarem, que de acordo com padrões de qualidade, as professoras e os professores devem alternar “brincadeiras de livre escolha das crianças com aquelas propostas por ela ou ele” (2006, p.39).

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998, p.28) trazem o brincar como um dos elementos fundamentais a esta etapa e menciona mais especificamente que “as brincadeiras de faz de conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade [...], jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica”.

Essas vivências lúdicas também contribuem com a formação da identidade de gênero das crianças, não no sentido de modificar seu desejo sexual hetero ou homo (até mesmo porque brincadeiras não teriam esse poder), mas sim de permitir que conheçam outras formas de ser ‘homem’ e ‘mulher’ e para que tenham liberdade de escolher suas próprias atitudes, seus brinquedos, brincadeiras, gostos e roupas, independentemente de imposições preconceituosas provenientes de uma sociedade machista que, muitas vezes, ainda carrega comportamentos primitivos desnecessários.

A análise das imagens acima, nos faz questionar por meio da literatura, quais são os brinquedos e brincadeiras ‘proibidos’ para cada gênero, por que continuam a serem repreendidos ainda na contemporaneidade, mediante situações de emancipação feminina e modificação do papel masculino ser o único provedor do lar. Enfim, se o contexto mudou, por que certos brinquedos e brincadeiras continuam a serem repreendidos, seja por meio de expressões verbais e/ou não verbais?

Isto nos faz pensar em termos de representações, visto que, embora tenhamos aprendido a calar nossas emoções e a dissimular sentimentos, ainda esboçamos cada um à sua maneira, o que é sentido e pensado, mesmo que sutilmente. Deste modo, o corpo como um todo, por meio de diversas linguagens expressa as representações que possui acerca de algo de maneira individual e social ao mesmo tempo (COURTINE; HOROCHE 2016, p.247):

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



O individualismo pela expressão é uma socialização do indivíduo que supõe mímicas, olhares, gestos, atitudes e posturas voltadas para o exterior e proveniente, ao mesmo tempo do mais íntimo do sujeito, obedecendo a códigos e limites regidos por convenções, significando ao mesmo tempo o singular e inefável de uma interioridade.

Neste sentido, expressar-se faz parte da cultura humana e de seu percurso civilizatório que pode ser entendido como meio de mostrar, ou esconder, as representações acerca de algo ou alguém. No caso do preconceito, o processo não é diferente. Algumas expressões esboçadas e/ou caladas o denunciam no contexto escolar, por exemplo, e pesam na vida da vítima que o sofre. Conter as expressões seria um caminho? Vimos no presente artigo que a contenção de expressões e emoções faz parte de um processo civilizatório de séculos, que não foi capaz de esconder o preconceito. Talvez o caminho seja inverso, ou seja, expressar, falar, expor o assunto, conversar sobre nossos preconceitos e conseqüentemente sobre nossos medos. A escola, enquanto espaço edificado para construção e apreensão de conhecimentos parece um lugar favorável a esse tipo de reflexão e de livre expressão, por meio também do brincar, dos brinquedos e da literatura.

### Considerações alcançadas

Ao partir da análise do livro *O menino que ganhou uma boneca*, averiguamos que, as expressões não verbais das personagens contribuem para evidenciar as representações que cada um possui acerca da possibilidade de Paulinho brincar com a boneca que ganhou de aniversário. Essas representações evidenciam a desigualdade e discriminação de gênero que transcorrem os diferentes espaços e momentos da escola, definindo papéis sexistas no brincar.

As expressões corporais faciais, sentimentos, gestos, olhares dos personagens evidenciam a repreensão, machismo e preconceitos que ainda, infelizmente, perpassa a escola, quer seja de forma explícita e/ou implícita. Muitas vezes essas representações de gênero não são percebidas, e quando são notadas, muitas vezes são silenciadas.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Entendemos, então, que, em meio às diferentes vozes silenciadas e manifestadas nas expressões corporais e faciais das personagens, que vão solidificando-se nas práticas escolares e nas vivências coletivas das brincadeiras das crianças, indícios de desigualdade e discriminação de gênero, classificam papéis 'ideais' para gênero masculino e feminino. Por isso, a relevância de reflexões acerca de diversos materiais, como o trabalho por meio da obra de literatura analisado no contexto da Educação infantil, na intenção de questionar, problematizar e construir práticas que corroborem com a expressão livre, o que pode conduzir ao diálogo e desconstruções acerca das representações sexistas presentes em ambos os gêneros.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BARROS, Ana Lúcia da Silveira. **Sequências explicativas produzidas pela criança de cinco anos de idade em atividade lúdica**. 2005. 141 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral)- Universidade de São Paulo, São Paulo.

BICHARA, Ilka Dias. **Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de três a sete anos**. 1994. 140 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUJES, Maria Isabel. Crianças e brinquedo: Feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA NETO, Alfredo (orgs). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2004. p. 205-228.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 7ª ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009. 184 p.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEF, 1998. v. 1. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em 21 ago. 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2006, v. 2.

Realização:



Apoio:





CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2015, p. 119-136.

COURTINE, Jean-Jacques; HOROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar as emoções. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

COSTA, Marisa Vorraber. SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos Culturais, Educação e Pedagogia**. n. 23, mai./jun./ago, 2003, p. 205-228.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Proposições**: Campinas v.14, n.3(42), p. 89-101, set./dez. 2003.

GOSSO, Yumi; MORAIS, Maria de Lima Salum e; OTTA, Emma. Pivôs utilizados nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças brasileiras de cinco grupos culturais. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, v.11, n. 1, p.17-24, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 20 mai. 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. USP, 2010.

\_\_\_\_\_. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997, p.13-44.

LEITE, Lucimar da Luz. **Representações de gênero e de sexualidade nas brincadeiras infantis e na docência**: discurso, consolidação, resistência e ambivalência. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2015.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LLOYD, Barbara; DURVEEN, Gerard. Um análisis semiótico del desarrollo de las representaciones sociales de gênero, p. 41-63. In: CASTORINA, José Antônio. **Representaciones sociales**: problemas teóricos y conocimientos infantiles. Barcelona: Gedisa, 2009.

MELO, Ceciana Fonseca Veloso de. **Narrativas infantis**: estudo da criança no contexto de uma creche universitária. 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo.

MENDES, Deise Maria Leal Fernandes; SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia. O sorriso humano: aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. **Arq. bras. psicol.** [online]. 2009, vol.61, n.1, p. 109-120. ISSN 1809-5267.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





MORENO, Jamile Coelho. Conceito de minorias e discriminação. **Revista USCS**. São Caetano do Sul, n.17, p.141-156, jul/dez.2009. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_direito/article/view/888/740](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_direito/article/view/888/740)>

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Unicamp, 1999.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**: Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun. 2010.

PIRES, Suyan. **Amor Romântico na literatura infantil**: uma questão de gênero. Curitiba: Educar, 2009.

SEFFNER, F. Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). In: SOARES, G. F.; SILVA, M. R. S. da; RIBEIRO, P. R. C. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande, RS: FURG, 2006. p. 85-94.

SILVA, L. I. da C. *et al.* Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Belém, v. 19, n. 1, p. 114-121, 2006.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas Pedagogias Culturais**: implicações para a educação infantil. Disponível em: <[http://WWW.titosena.faed.udesc.br/Arquivos\\_gensex/SexualidadeInfantil.pdf](http://WWW.titosena.faed.udesc.br/Arquivos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SWAIN, Tânia Navarro. **A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário**. Disponível em: <<http://tania.navarroswain.com.br/chapitres/brasil/espelho,espelho.html>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 93-105.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p.7-67.

## ABSTRACT

The book "The boy that won a doll" tells the story of Paulinho, a child who gets a doll as a birthday present. The toy brings some embarrassment for the family, so the boy

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



decides to play with other "boy toys". At the end of the story, Paulinho realizes that He could play with the doll and decides to do it. Analyzing the importance of non verbal language, we wonder: What do corporal expressions from the characters of the book "The boy that won a doll" reveal about their representations concerning the possibility of a boy play with a doll? The aim will be analyzing the representations revealed through corporal expressions from the characters of the target literature book. The results have shown that the genre representations are also shown in the target book, through non verbal expressions, mainly from Paulinho's uncle and grandmother. We conclude that there is a spreading of genre stereotypes beyond the verbal way, through gestures, body and facial language that indicate repression. This silent and effective approach, which the analyzed book shows, contributes to a thinking about the school daily activities and their mute voices that bawl out the different through non verbal language.

**Key-words:** Education. Literature. Gender. Social Representations

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação

